



## INFORMATIVO

# O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE  
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)  
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -  
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

**2026**

520 anos da confirmação e aprovação do Tratado de Tordesilhas – 500 anos da descoberta do Rio São Francisco – 470 anos da morte de Santo Ignácio de Loyola – 410 anos da fundação do Forte do Presépio, futura Santa Maria de Belém do Grão-Pará – 400 anos da travessia do Rio Uruguai pelo padre Roque Gonzalez de Santa Cruz – 350 anos da instalação do Bispado do Rio de Janeiro – 350 anos do início da fundação de Laguna, hoje SC – 330 anos da fundação da Escola de Artilharia e Arquitetura Militar em Salvador – 300 anos da fundação da Ilha do Desterro, hoje Florianópolis e de Fortaleza, CE – 250 anos da retomada da Vila de Rio Grande aos espanhóis – 230 anos do 2º Tratado de Santo Ildefonso – 220 anos do Bloqueio Continental imposto por Napoleão – 210 anos da Campanha da Cisplatina – 200 anos do falecimento da Imperatriz Dona Leopoldina – 190 anos da Proclamação da República Riograndense – 170 anos da mudança de nome da cidade de Barra do Rio Negro para Manaus – 160 anos da invasão do Paraguai pela Tríplice Aliança, Batalha de Tuiuti e morte de Antônio de Sampaio – 140 anos de falecimento de Mallet – 120 anos da reformulação das FA e da regulamentação do Serviço Militar Obrigatório – 110 anos do final da Guerra do Contestado – 80 anos da Primeira Assembleia Geral da ONU.

2026

07 de fevereiro

Nº 498

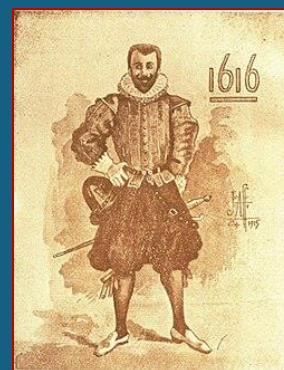
## Índice

- A importância social e estratégica da História Geral e da História Militar
- As origens dos colégios militares no Brasil
- História oral do Exército Brasileiro - A Contra-revolução Democrática de 31 de março de 1964 - Depoimento do General Moacyr Barcellos Potyguara
- Um Combate desastroso na História – Guassu-Boi

\*\*\*\*\*



Santo Ignacio de Loyola



Francisco Caldeira Castelo Branco

# A IMPORTÂNCIA SOCIAL E ESTRATÉGICA DA HISTÓRIA GERAL E DA HISTÓRIA MILITAR

Luiz Ernani Caminha Giorgis (\*)

*Na visão militar, o homem só aprende pela experiência. Se tem pouca oportunidade de aprender pela própria experiência terá então de aprender pela experiência dos outros. Daí o gosto do militar pelo estudo da História. Pois a História é, na frase de Liddell Hart, “a experiência universal”, e História Militar, como disse Moltke, “é o meio mais eficaz de ensinar guerra em tempo de paz”. Desse modo, a ética militar dá grande valor ao estudo metódico e objetivo da História. Mas a História só tem valor para o militar quando é aproveitada para desenvolver princípios capazes de futura aplicação.*

Samuel Philips Huntington

**Nota do autor: texto solicitado pelo Membro-Efetivo da AHIMTB/RS Tenente-Coronel Aroldo Medina, da Reserva da BMRS para um projeto no CPOR/PA.**

## 1. INTRODUÇÃO

A História Militar é um dos ramos mais importantes da História Geral. Explicando melhor este primeiro raciocínio, nos diz o Coronel Fernando Velozo Gomes Pedrosa em seu artigo “Por Uma História Militar Global: da História Militar tradicional à Nova História Militar” publicado na Revista de História Militar nº 25, Ano X, de maio de 2019:

A História Militar tradicional pode ser dividida em três categorias: História Militar patriótica, profissional crítica e acadêmica. (Este artigo) examina o surgimento da Nova História Militar, seus principais objetos de estudo e suas contribuições para a produção historiográfica. Conclui que existe um conflito de concepções entre historiadores acadêmicos e historiadores militares tradicionais sobre o significado da História e suas funções. Os profissionais militares têm uma perspectiva utilitária da História Militar, enquanto os historiadores acadêmicos a veem como uma ferramenta para compreender as instituições militares em tempo de paz ou de guerra. Finalmente, reconhece que a Nova História Militar trouxe aportes teóricos e metodológicos importantes aos estudos históricos sobre a guerra e as instituições militares.

Assim, já se tem uma segura orientação para melhor se entender o que é a História Militar. A própria concepção já a coloca de forma mais abrangente do que em priscas eras.

Não é, seguramente, a História Militar uma simples análise de batalhas ou até de processos bélicos, mas sim de procurar entender a evolução da Arte da Guerra. Esta é a ideia principal.

Por exemplo, nos últimos anos a arte da guerra tem evoluído sensivelmente face aos avanços da eletrônica. As novidades representadas pelos drones, radares de última geração, mísseis inteligentes hipersônicos e foguetes de grande alcance estão sendo empregados por forças militares que, atualmente, se digladiam belicamente. O caso mais presente, atualmente, é o do conflito Ucrânia-Rússia.

Uma novidade surgida nestes últimos dias é o drone controlado pela fibra ótica, que é imune a interferências de qualquer tipo.

Estas inovações no campo de batalha influem decisivamente no estudo e nas análises da evolução da Arte da Guerra.

Dentro deste ambiente é que este trabalho procura situar os leitores, principalmente os alunos, futuros aspirantes do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Porto Alegre.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### a. Antecedentes históricos

**O**s CPOR nasceram pela iniciativa do Tenente-Coronel do Exército Luiz de Araújo Correia Lima, gaúcho de Porto Alegre que, descendente de uma família de militares, nasceu em 4 de novembro de 1891. Seus pais eram o General-de-Divisão Gonçalo Correia Lima e a senhora Ana Carolina Lima.

Já ouvindo o chamado das armas, em 26 de setembro de 1907 ingressou como soldado no extinto 17º Batalhão de Infantaria, sediado na capital do RS, onde prestou concurso para a então Escola de Guerra de Porto Alegre. Aluno dedicado, permanentemente figurou entre os primeiros classificados nos cursos das Escolas Militares que frequentou.

Já como oficial, acompanhando a evolução dos acontecimentos da 1ª Guerra Mundial, Correia Lima percebeu que era necessário o recrutamento de jovens para preencher claros nas funções de oficial subalterno das unidades de todas as armas, posto que a Escola Militar do Realengo, na época, não conseguia suprir estas faltas.

Dedicando-se, portanto, ao estudo dos mecanismos de recrutamento e de reacompanhamento de claros nas fileiras dos exércitos europeus, obteve nisto a sua fonte de inspiração para a criação dos CPOR no Brasil.

Este desideratum se tornou o ideal de sua vida, pelo qual passou a trabalhar desde jovem, ainda como tenente.

Inicialmente, Correia Lima enfrentou os obstáculos da inércia e da incompreensão dos comandos, face à grande novidade que a sua proposta continha.

Estes óbices existiram não só no meio militar mas também no meio civil. Neste particular, surgiram dúvidas sobre a honestidade de seu propósito.

Uma das alegações, totalmente infundada, era de que ele - Correia Lima, pretendia recriar e reorganizar a extinta Guarda Nacional. Um completo absurdo.

Com o tempo e a insistência, seus ideais se impuseram e, em 22 de abril de 1927, foi criado o primeiro Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, no Rio de Janeiro. Correia Lima, então Capitão, teve a honra de ser o seu primeiro comandante.

O CPOR/RJ começou a funcionar, efetivamente, no ano seguinte, servindo de modelo para a criação de outros CPOR em várias capitais, bem como dos futuros Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva (NPOR), que foram criados e passaram a funcionar nos Corpos de Tropa do interior.

Atualmente, 2025, existem CPOR em cinco capitais, a saber, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. NPOR são 51 em todo o Brasil.

O CPOR/PA foi criado em 31 de janeiro de 1928 e funcionou, nos primeiros anos, em diversos quartéis de Porto Alegre. Em 1940, o CPOR/PA foi instalado nas dependências do 4º Esquadrão de Fuzileiros, situado na rua Correia Lima, bairro Menino Deus, onde está sediado até hoje.

Mas Correia Lima, o pioneiro, não teve a satisfação de ver sua obra inteiramente completa, como sempre quis. A fatalidade o colhia ainda jovem, podendo muito produzir em proveito do Exército Brasileiro.

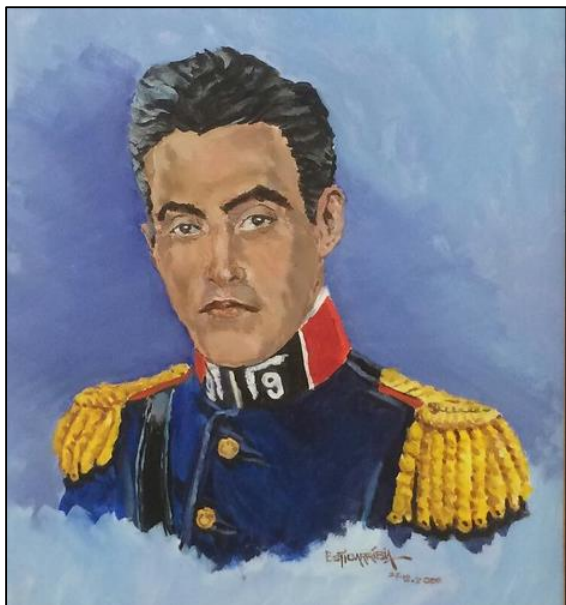
Servia ele em Curitiba, ainda no posto de Major, promovido por merecimento, comandando o 1º Grupo do 9º Regimento de Artilharia Montada, quando irrompeu a Revolução de 1930.

Fiel à ordem vigente, não se tornou revolucionário.

Estamos no dia 5 de outubro à 0100 h. A revolução de 1930 havia sido iniciada três dias antes.

O local da fatalidade foi a escadaria de acesso ao Pavilhão de Comando do 9º Regimento de Artilharia Montada (9º RAM). O Comandante, Coronel João Cândido Pereira de Castro Júnior, legalista, não estava na unidade porque foi designado para comandar um destacamento enviado para Porto União. Portanto, o Comandante interino, em exercício do comando, era o Major Luiz de Araújo Correia Lima (na página seguinte, em óleo sobre tela do Coronel Pedro Paulo Cantalice Estigarribia).

Conforme o livro do INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO PARANAENSE, Cinquentenário da Revolução de Trinta no Paraná. Curitiba: IHGEP, 1980, 2ª edição, 371 p. 81, ocorreu o seguinte, conforme o depoimento do Major Plínio Alves Monteiro Tourinho (General comissionado no comando da 5ª RM/DI, em 5 de outubro, revolucionário), o qual era, antes, Chefe do Serviço de Engenharia. Tourinho havia mandado prender o seu próprio comandante.



No contexto daquela noite, era necessário obter a posição do 9º RAM em relação à Revolução:

“...designei o capitão Álvaro Barroso de Souza Júnior para ir ao quartel daquela unidade entender-se com o capitão Amorety Osório, dando-lhe conta de que os demais corpos estavam a postos, prontos para iniciar o movimento que se esperava fosse efetivado sem derramamento de sangue. Mas a fatalidade se opôs a esse generoso desejo. Precisamente no momento de chegar ao quartel do 9º RAM, depois de ter transposto com dificuldade o cordão de sentinelas, o capitão Álvaro Barroso, devido à escuridão, não reconheceu a pessoa do bravo major Correia Lima, único oficial fiel ao governo e, em altas vozes, perguntou onde se encontrava o capitão Amorety, pois vinha em missão especial do major Plínio Tourinho. Nesse ínterim, bastante exaltado, como era natural, em altas vozes o major Correia Lima declarou que ele era o comandante do 9º RAM e que só recebia ordens do comandante da região. O que se passou então foi rápido e imprevisível. O capitão Amorety aproximou-se do major Correia Lima

e deu-lhe ordem de prisão, apontando-lhe a pistola ao peito e intimando-o a render-se, porque o regimento estava revoltado. Em rápido movimento de defesa, o major Correia Lima deu uma pancada com a mão direita, de baixo para cima, na mão que o capitão Amorety empunhava a pistola. A arma disparou e o projétil feriu o major Correia Lima pouco abaixo do nariz, produzindo-lhe morte instantânea. Foi um fato lastimável e muito deplorado pelos revolucionários, pois Correia Lima era considerado um dos oficiais mais ilustres do Exército, pelo seu saber, capacidade de trabalho e amor ao país” (IHGEPR, 1980, p. 81).

Conforme a revista do CPOR/RJ, “pela firmeza dos seus ideais, os revoltosos sabiam de antemão que ele não se entregaria...”. Provavelmente não.

No dia 13 de outubro de 1930, Correia Lima foi promovido a Tenente-Coronel "post-mortem", por ato de bravura. Havia morrido tragicamente, por ser legalista.

Entretanto, as investigações chegaram à conclusão de que não ficou caracterizado um assassinato e sim um acidente, proveniente da imprudência do Capitão Amorety.

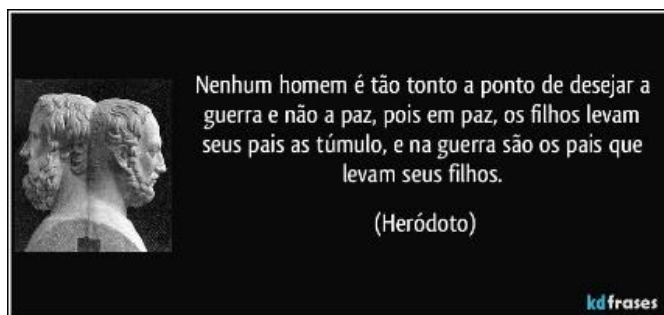
Deixou ele, Correia Lima, uma importante herança: os CPOR e seu Patronato.

## b. Outras considerações históricas sobre a guerra e sobre História Militar

O primeiro trabalho realmente metódico, científico, detalhado e que abordou todos os aspectos de um conflito bélico foi a obra de Tucídides - A Guerra do Peloponeso, que analisa o enfrentamento entre as principais cidades-estado gregas, Esparta e Atenas. Este conflito teve uma longa duração no tempo: foi de 431 a 404 a.C., portanto 27 anos. Até hoje a obra de Tucídides é uma referência no que se refere ao estudo da Arte da Guerra, inclusive nos seus aspectos sociológicos.

Posteriormente, outros autores se dedicaram ao tema, como Heródoto de Halicarnasso, que estudou as guerras greco-persas, também chamadas de “guerras médicas”, posto que os medas eram um grupo que dominou por algum tempo o planalto persa, hoje iraniano.

Com isso, Heródoto conquistou o galardão de Patrono da História. E, não menos importante, Heródoto destacou a importância de uma das suas nove musas da cultura - Clio, a musa da guerra.



A obra de Heródoto é dividida em nove livros. Cada um leva o nome de uma das musas. São eles, na ordem: Clio, Euterpe, Thalia, Melpômene, Terpsicore, Erato, Polímnia, Urânia e Calíope.



Clio (ao lado) é a musa da história e da criatividade, ou seja, aquela que divulga e celebra as realizações. Ela é a dona da eloquência, sendo a fiadora das relações políticas entre homens e nações.

Conforme a historiadora Maria Aparecida de Oliveira Silva, da USP:

“Pai da História” (*pater historiae*) é o epíteto conferido a Heródoto pelo orador romano Cícero no século I a.C., em sua obra *Das Leis*, I, 1. De fato, a palavra *história* foi uma invenção de Heródoto, uma derivação do termo ἵστωρ (*hístōr*) que significa “aquele que sabe”, mas é aquele que conhece os fatos por “interrogar”, por “informar-se” a respeito de algo, daí “investigar”, como expressa o verbo ἱστορέω (*hístōrēō*) do qual deriva esse substantivo. Por essas denominações, Heródoto criou a palavra ἱστορίαι (*historíai*), título de sua obra, que significa assim “investigações”. Portanto, Heródoto foi o primeiro a conceber um método histórico capaz de reconstituir e explicar a história do seu tempo (SILVA, 2015, p. 39).

E assim nascia a História Militar. Muitos outros autores se seguiram, como Homero, Posidônio, Xenofonte, Plutarco, Políbio, Flavius Vegetius, Júlio César, Tito Lívio, Carl von Clausewitz, Winston Churchill, Max Hastings, Paul Kennedy, Lawrence Sondhaus, Geoffrey Blainey, Antony Beevor, John Keegan, Barbara Tuchman, Niall Ferguson, Aurelius August Evans, Basil Liddel Hart, David Gibbons, e muitos outros. Impossível citar todos eles.

E os brasileiros, os principais, são, ou foram, os seguintes (ordem alfabética): Adler Homero Fonseca de Castro, Alfredo Souto Malan, Augusto Tasso Fragoso, Barão do Rio Branco, Celso Castro, Claudio Beserra Vasconcelos, Claudio Moreira Bento, Francisco de Paula Cidade, Francisco Doratioto, Francisco Ruas Santos, Guilhermino César, Gustavo Barroso, Hélio Moro Marante, Hernani Donato, João Batista Magalhães, Jonathas da Costa Rego Monteiro, José Bernardino Bormann, Osório Santana Figueiredo, Sérgio Paulo Muniz Costa, Tristão de Alencar Araripe e Voltaire Schilling, entre muitos outros.

### c. Citações interessantes sobre História Militar

Muitos historiadores, generais e diletantes da História deixaram múltiplas interpretações sobre a História Militar. Estas referências nos ajudam a entender melhor este fundamental assunto. Vejamos algumas.

**Sun Tzu:** "A suprema arte da guerra é derrotar o inimigo sem lutar." - "Se você conhece o inimigo e conhece a si mesmo, não precisa temer o resultado de cem batalhas." - "O verdadeiro objetivo da guerra é a paz." - "Para ser vitorioso você precisa ver o que não está visível". - "Conheça o inimigo e conheça a si mesmo; em cem batalhas, você nunca será derrotado".

**Maquiavel:** "Faz-se a guerra quando se quer, põe-se-lhe termo quando se pode" - "Uma guerra é justa quando é necessária".

**Tucídides:** "A força de um Exército reside na disciplina estrita e na obediência inabalável aos seus oficiais".

**Vegetius:** "Se queres a paz, prepara-te para a guerra" (*Si vis Pacem Para Bellum*) - "A luta é doce para quem não a experimentou".

**Clausewitz:** "A guerra é a continuação da política por outros meios" - "A estratégia é uma economia de forças".

**Churchill:** "A coragem é a primeira das qualidades humanas, porque é a qualidade que garante todas as outras" - "A guerra não é apenas uma questão de vitória; é uma luta pela sobrevivência".

#### **d. Outras considerações**

**S**eguidamente, os historiadores em geral são questionados em relação à possibilidade da História ser ou não uma ciência. As argumentações são diversas. Alguns doutores sustentam que não, a História não é uma ciência. Seria somente uma disciplina.

Outros argumentam que, como a História utiliza métodos científicos (tese, antítese, síntese, etc.) para chegar ao objetivo, ou seja, desvendar um fato, uma biografia, um processo, ela é sim uma ciência. Esta última argumentação carrega em si a essência da História: desvendar os fatos até os mínimos detalhes, registrar tudo e oferecer à ciência tal volume de conhecimentos.

Por essa razão existem as teses de doutorado. Elas são trabalhos acadêmicos *strictu sensu* que representam contribuições originais ao conhecimento. Defender uma tese é o passo mais importante para o aluno conquistar o título de Doutor. As teses dependem de amplas investigações científicas, muita leitura, pesquisas (principalmente em fontes primárias), observações e reflexões.

Portanto, não há como não considerar a História como uma ciência. E assim, também, a História Militar. Esta, não depende da primeira. Pelo contrário, trabalham juntas, uma apoiando a outra.

Mas nem sempre foi assim. A História Militar passou a se preocupar com aspectos sociológicos dos conflitos e dos processos históricos a partir da fundação da Escola dos Annales na França do final da década de 1920. Escola fundada pelos historiadores Lucien Febvre e Marc Bloch.

E também porque, ao contrário de antigamente, as guerras passaram a envolver as populações civis, acarretando realmente muitas questões afetas à Sociologia.

#### **e. A História Militar do Brasil**

**T**ivemos aqui três fases bem distintas: Colônia, Império e República. Os 322 anos da época colonial foram caracterizados pela permanência de um exército português, que nunca decepcionou os súditos da Coroa Portuguesa. E muitas guerras aconteceram destacando-se, dentre elas, a Insurreição Pernambucana (1824-1854) e a Guerra da Restauração do Rio Grande do Sul (1763-1777).

No período imperial, Brasil independente, tivemos a Guerra contra a independência da Cisplatina, a Balaiada, a Revolução Farroupilha e os conflitos liberais em São Paulo e Minas Gerais.

Ainda no período imperial tivemos as guerras contra a Independência da Cisplatina, Oribe e Rosas (1851-1852) e a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-1870). Três conflitos externos neste período.

No período republicano, começamos com a Revolução Federalista no RS (1893-1895), Revolta de Canudos (1896-1897), a Revolução Acreana (1899-1903), a Guerra do Contestado (1912-1916) e a Guerra contra alemães e italianos na Itália, na Segunda Guerra Mundial. Um único conflito externo.

Grandes ensinamentos assimilamos destes dois conflitos externos. Embora em épocas diferentes, contando duas concepções de guerra completamente diferentes, foram elas de grande utilidade para as forças armadas brasileiras.

### **3. CONCLUSÕES**

**E** assim, desde que os primeiros enfrentamentos entre seres humanos se caracterizaram por lutas corpo a corpo, depois utilizando paus e pedras - já pressupondo um afastamento entre os contendores - a guerra está presente neste processo histórico de longa duração - a história da humanidade (Braudel).

Daquelas épocas em diante, surgiram a funda, a lança, o arco e flecha, a balestra, a catapulta, etc. sempre afastando os contendores, exceto nos duelos.

A grande invenção, aquela que revolucionou a Arte da Guerra, foi a pólvora, inicialmente utilizada para fogos de artifício e, em seguida, utilizada para lançar projetis em direção ao inimigo - as armas de fogo.

Com o advento da pólvora, os processos de combate evoluíram, como não poderia deixar de ser. Surgiram as armas grandes, os canhões, belonaves armadas também com canhões de alta carga de tiro. Até nos combates aéreos as metralhadoras coaxiais ocuparam seu espaço a partir da Primeira Guerra Mundial. E nesta época tivemos os primeiros Carros de Combate blindados.

E hoje temos morteiros, canhões sem recuo, metralhadoras de grande cadência de tiro, torpedos, foguetes e mísseis inteligentes. E a grande ameaça - a bomba atômica, ou a de hidrogênio.

Os inimigos, operadores dos combates, estão há muitos quilômetros de distância um do outro. Já temos drones dirigidos por fibra ótica, cuja principal característica é de serem de baixo custo, em vez de aviões, caças ou bombardeiros, caríssimos.

E a verdade é que a humanidade nunca mais conseguiu eliminar totalmente a guerra da sua História. Ela subsiste, inclusive na forma de terrorismo de estado, infelizmente.

Ao longo deste tempo algo constitui um denominador comum nos conflitos, ou na maioria deles: as guerras de religião. Ao lado, guerras por motivos territoriais, sempre de conotação geopolítica. E então chegamos nas motivações econômicas dos conflitos internacionais, sem falar naquelas guerras internas que, atualmente, estão presentes quase que no mundo todo, inclusive tribais. Estas são as guerras irregulares, com ampla utilização de mercenários.

É bom que se diga que estas inovações, acima citadas, foram produtos diretos ou indiretos da Revolução Industrial. Nesta mesma época, o General Erich Friedrich Wilhelm Ludendorff lançou a sua concepção de “guerra total”, que nada mais é que conflitos armados nos quais são mobilizados todos os recursos de uma sociedade, materiais e de recursos humanos, incluindo civis, e não fazem distinção entre combatentes e não-combatentes.

Esta é a origem da mudança de paradigma em direção às análises sociológicas dos conflitos.

E aqui, por óbvio, temos que destacar a figura do General suíço Antoine Henri Jomini (1779-1869) que, lutando ao lado de Napoleão Bonaparte, impulsionou a concepção da Logística na guerra, ou seja, a arte de movimentar exércitos no terreno provendo-os de todos os meios de subsistência, munição e outros itens fundamentais.

Em função disto, o curso teria dito: “o Exército marcha sobre seu estômago”.

E aqui já temos um grande ensinamento para o meio civil. Nada se faz sem logística!

Já podemos ensaiar outro grande ensinamento para os alunos do CPOR/PA, futuros aspirantes. A guerra é uma constante na humanidade. E assim “continuará tendo um longo futuro, mesmo após o Apocalipse” (Silva; Leão, 2018, p. 16).

Todas as experiências da vida militar são válidas para a vida civil.

Finalmente, um comentário. Como pano de fundo de todas as guerras está a disputa pelo poder. Como dizia Georg Wilhelm Friedrich Hegel:

“A natureza de todo Estado é a ‘vontade de poder’. A natureza do Estado é a soberania”.

## Referências

HUNTINGTON, Samuel P. O Soldado e o Estado – Teoria e política das relações entre civis e militares. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2016, 2ª ed.

INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO PARANAENSE. Cinquentenário da Revolução de Trinta no Paraná. Curitiba: IHGEP, 1980, 2a edição.

Revista de Teoria da História Ano 7, Número 13, Junho/2015 Universidade Federal de Goiás ISSN: 2175-5892.

GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. A morte do Patrono. In: O Tuiuti, nº 464, AHIMTB/RS, Porto Alegre, 2024, acessível em [www.acadhistoria.com.br](http://www.acadhistoria.com.br).

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; LEÃO, Karl Schurster Sousa. Por que a guerra? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

(\*) Coronel de Infantaria e Estado-Maior Veterano do Exército Brasileiro. Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil/RS.

@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@

## AS ORIGENS DOS COLÉGIOS MILITARES NO BRASIL

Luiz Ernani Caminha Giorgis(\*)

Uma grande ideia geralmente vem de uma intelectualidade privilegiada.

Foi assim com os colégios militares.

Em 1853, o então Tenente-General Luiz Alves de Lima e Silva - Marquês de Caxias, Senador do Império, apresenta o Projeto nº 148, propondo a criação de um colégio militar para órfãos de militares e filhos de militares incapacitados (Giorgis, 2011, p. 99).

Estava, assim, lançada a semente da futura criação deste tipo de estabelecimento de ensino no Brasil. Durante os 27 anos restantes da sua vida, Caxias não deixou de pugnar por esta iniciativa. Infelizmente, faleceu em 1880 sem ver o seu desejo realizado.

A ideia só frutificou já nos "pródromos" do período republicano. Em 09 de março de 1889, oito meses antes da instauração da República, o Imperador Dom Pedro II, sancionou o Decreto nº 10.202, criando o Imperial Colégio Militar da Corte. No mesmo decreto, no capítulo "Recompensas", e honrando aquele que teve a brilhante iniciativa, o Imperador instituiu a Medalha de Ouro "Caxias". Extremamente rigorosa a sua concessão, até 1936 esta medalha somente foi concedida a onze alunos.

As origens dos Colégios Militares estão definitivamente ligadas, portanto, ao alto espírito e ao valor que consignava o ilustre Imperador ao ensino no Brasil, bem como ao pioneiro da sua concepção - Caxias.

A proposta, em 1889, foi do então Ministro da Guerra e Senador (civil) Thomaz José Coelho de Almeida. O então criado Imperial Colégio Militar da Corte é o atual Colégio Militar do Rio de Janeiro - CMRJ. Até hoje o estabelecimento de ensino tem, como denominação histórica - Casa de Thomaz Coelho.

Em 10 de abril do mesmo ano de 1889, foi comprado pelo governo imperial o Palacete da Babilônia, então pertencente aos Barões de Itacuruçá, para a instalação do Colégio. Este palacete é, hoje, o Gabinete de Comando do CMRJ.

No dia 06 de maio de 1889 foi o início das aulas do Colégio, com 44 alunos matriculados. Estava realizado o sonho do futuro Patrono do Exército Brasileiro (Giorgis, 2011, p. 153).

A proposta do Senador Thomaz Coelho interpretava os anseios de Caxias no sentido do atendimento dos propósitos do Exército e da família militar. Literalmente:

"Proporcionar aos filhos de militares ativos, inativos e honorários do Exército e da Marinha, e aos civis que desejem seguir a carreira militar, os meios de receberem instrução que em poucos anos lhes abram as portas das Escolas Militares do Império" (Bento, Giorgis, ver no livro do Casarão....).

Com a expansão deste tipo de ensino, novos Colégios Militares foram instalados e passaram a funcionar no Casarão da Várzea em Porto Alegre (1912), Barbacena (1912, extinto em 1925), Fortaleza (1919), Belo Horizonte (1955), Salvador (1957), Curitiba (1958) e Recife (1959). Seguiram-se os demais, abaixo relacionados.

Hoje, temos 14 colégios militares no Brasil, a saber: Belém, Belo Horizonte, Brasília, Campo Grande (MS), Curitiba, Fortaleza, Juiz de Fora, Manaus, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, Santa Maria e São Paulo.

O CMPA foi objeto de magnífico trabalho do professor Laudelino Medeiros, em Escola Militar de Porto Alegre (1853-1911) que também foi abordada em Escolas de Formação de Oficiais das FFAA (Claudio Moreira Bento, Rio, FHE-POUPEx, 1987). O livro do professor Laudelino foi contribuição da UFRGS em 1992, e não deve ser desconhecido das sucessivas turmas egressas do CMPA. Esta escola foi um celeiro de presidentes da República.

Voltando ao CMRJ o mesmo, em 1889, era gratuito para filhos de militares e cobrado para os civis. Funcionava como internato e externato, e seus alunos formavam uma unidade militar que obedecia em tudo aos regulamentos do Exército, salvo o que não fosse praticável em função da idade dos alunos.

O atual prédio central do CMRJ, onde ele teve início, foi adquirido com recursos fornecidos pelo Conselho do Patrimônio do Asilo Inválidos da Pátria, unidade militar que por muitos anos amparou velhos soldados invalidados em guerras travadas pelo Brasil. Ficava na Ilha do Bom Jesus.

O CMRJ é chamado carinhosamente de Casa de Thomaz Coelho, hoje Denominação Histórica, em homenagem ao seu idealizador e fundador. E fundador, igualmente, da ideia vitoriosa dos colégios militares, que se espalham pelo Brasil, e que tem merecido especial atenção do Comando do Exército, como uma forma de prestar assistência social e educacional à família brasileira, visando minorar efeitos das proibitivas mensalidades escolares da rede privada e deficiência da rede pública. O 14º CM colocado em funcionamento foi o de São Paulo - CMSP, neste ano de 2020.

O Cel Cláudio Moreira Bento mantém a opinião de que não só o CMRJ deve ser considerado a Casa de Thomaz Coelho, mas também os demais Colégios Militares. E, indo mais longe, talvez fosse o caso de se considerar a hipótese de Thomaz Coelho vir a ser consagrado como o patrono dos Colégios Militares ou até mesmo, do Sistema Colégio Militar do Brasil.

Como exemplo, da mesma forma, assim como, extraoficialmente, os CPOR consagraram o Major Luiz de Araújo Correia Lima, aguardando sua oficialização.

Thomaz José Coelho de Almeida nasceu em Campos-RJ, em 28 de novembro de 1839. Militou no Partido Conservador. Foi deputado e senador pelo Rio de Janeiro (1872-87). Foi Ministro da Agricultura do gabinete chefiado pelo Duque de Caxias (1875-78), quando realizou obras marcantes, como a criação da Inspetoria de Imigração e Colonização. Dirigiu o Banco do Brasil. Faleceu em 20 de setembro de 1895.

O discurso inaugural do Colégio Militar do Rio foi feito por seu primeiro professor, Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo - Barão Homem de Melo, que havia presidido o Rio Grande do Sul e ajudado o General Osório a mobilizar o 3º Corpo de Exército para a Guerra do Paraguai. Foi também ministro da Guerra Interino em 1881, grande historiador e o primeiro biógrafo do general Andrade Neves. Faleceu em Itatiaia em 1918 onde é Patrono de Cadeira na Academia Itatiaense de História, fundada em 1992 pelo Cel Claudio Moreira Bento. Era filho dos barões de Pindamonhangaba, cujo pai era irmão do comandante da Guarda Imperial que testemunhou o Brado de "Independência ou morte!" do Príncipe Dom Pedro em 7 de setembro de 1822, às margens do Ipiranga.

## Referências:

BENTO, Claudio Moreira; GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. História do Casarão da Várzea 1885-2008. Barra Mansa, RJ: AHIMTB; Gráfica e Editora Irmãos Drumond Ltda., 2009.  
GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. O Duque de Caxias Dia a Dia. Porto Alegre: Evangraf, 2011.  
MEDEIROS, Laudelino. Escola Militar de Porto Alegre 1853-1911. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.

(\*) Coronel de Infantaria e Estado-Maior Veterano do EB.

#####

# **HISTÓRIA ORAL DO EXÉRCITO BRASILEIRO - CONTRA-REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA DE 31 DE MARÇO DE 1964 -**

**VOLUME 1 – Depoimento do General Moacyr Barcellos Potyguara**

*Nisi utili est quod facimus stulta gloria*

**T**enho a convicção de que o Exército, com este Projeto, reviverá fatos aos quais setores da mídia e outros grupos não dão publicidade. A reunião de testemunhos acerca da Revolução de 1964 demonstrará por que as Forças Armadas, particularmente o Exército, foram o esteio que impediu a comunização do nosso País.

*O senhor poderia precisar quais foram as causas do Movimento Revolucionário desencadeado em 31 de março de 1964?*

As constantes greves que ocorriam no País e a indisciplina que começava a grassar em certos círculos militares foram, a meu ver, os principais motivos do desencadeamento da Revolução.

*No seu entender, General, o que se passava no meio militar? Como estava o ambiente na AMAN, nessa fase pré-revolucionária?*

O meio militar andava chocado, porque se notava o claro desejo de destruir, através da subversão, exatamente, uma das bases nas quais se assentam as Forças Armadas: a hierarquia. Manifestações ocorridas na ocasião confirmam o que acabei de dizer.

*Quais as providências tomadas pelo Comandante da Academia, General Emílio Garrastazu Médici, para enfrentar o processo de comunização que se fortalecia, contando com o apoio declarado do então presidente?*

O Comandante da Academia, seguindo orientação do Estado-Maior do Exército, designou oficiais para frequentarem um curso especialmente voltado para a atualização e uniformização de seus conhecimentos sobre os processos usados em uma Guerra Revolucionária. Este era o tipo de luta que estava se avizinando. Conhecendo-a, poderíamos combatê-la em melhores condições.

*A seu ver, quais os principais acontecimentos que foram determinantes para o desencadeamento da Revolução em 31 de março?*

O comício realizado nas dependências da Central do Brasil, no Rio de Janeiro, foi um deles. Aponto, também, aquele episódio durante o qual praças carregaram nos ombros o Almirante Aragão – o Almirante do povo – infringindo as normas militares de hierarquia e disciplina.

*O senhor entende que as Forças Armadas, particularmente o Exército, foram intérpretes da vontade nacional, quando da deflagração da Revolução de 31 de março?*

Sem dúvida alguma, haja vista que os civis organizaram aquelas passeatas, denominadas de Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Na verdade, nós apenas decidimos ratificar o que o povo queria.

*Havia, a seu ver, uma Revolução de cunho comunista, em andamento, para criar uma nova ordem institucional no Brasil?*

Havia, isso é indiscutível. Naquela época, Luís Carlos Prestes dizia, para a imprensa e seus correligionários, que o comunismo avançava a passos largos e só faltava assenhorear-se do poder.

*E quanto à sua participação pessoal, que fatos destacaria nos pródromos da Revolução, na sua eclosão e, depois, nas suas consequências?*

Nos pródromos, como Comandante do Corpo de Cadetes da AMAN, acompanhei as palestras sobre Guerra Revolucionária feitas pelos oficiais que o Comandante havia designado. E, nas conversas com os meus cadetes e oficiais, sempre os alertava sobre o clima característico de guerra revolucionária, de concepção marxista-leninista, que já vivíamos. Não havia, ainda, um estado de guerra declarada, um confronto de forças, com características de luta armada.

Penso que, a partir da terceira semana de março, a situação deteriorou-se muito, com as demonstrações públicas de insubordinação, no meio militar. Por ordem do Comandante da AMAN, atualizei o Plano Lealdade que consistia, basicamente, da guarda de pontos sensíveis pelos cadetes e elementos do Batalhão de Comando e Serviços. O objetivo era a proteção dos próprios cadetes.

O Plano Lealdade foi, de fato, um incentivo para todos nós. Em seguida, mandei armar e municiar todos os meus cursos - Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia, Intendência, Comunicações e Material Bélico.

No dia 1º de abril, após a histórica decisão do General Médici de empregar o Corpo de Cadetes, mostrei-lhe, numa carta topográfica da região, o dispositivo que pretendia tomar, no terreno, a fim de cumprir a missão de garantir a passagem do II Exército. Disse-lhe que compreendia o transe que vivia e a responsabilidade da decisão histórica que acabara de tomar, e que era nossa também, porque apoiávamos integralmente a sua atuação.

Imediatamente, acionei o Curso de Cavalaria, na direção de Barra Mansa, a fim de buscar contato, empregando para tal os tanques e jipes que possuía. E isso foi feito. Dispôs, desdobrados no terreno, os cursos de Infantaria e Artilharia, com suas posições apoiadas no Ribeirão da Divisa. Aí, solicitei ao General Médici que me permitisse comandar os cadetes de Posto de Comando instalado no campo. Autorizado, organizei um Posto Avançado à frente dessa posição. Lembro-me, ainda, de que mandei preparar a destruição dos túneis da via férrea, caminho de acesso que poderia ser utilizado.

Esse posicionamento dos cadetes no terreno permitiu a vinda do II Exército com tranquilidade. A perspectiva de um embate frontal com as tropas do Rio de Janeiro era terrível, e se imaginava derramamento de sangue. Entretanto, a ação decidida da AMAN, através do emprego do Corpo de Cadetes, em posição ali no Ribeirão da Divisa e em postos mais avançados, não só proporcionou tranquilidade ao II Exército, que foi acolhido pela Academia, como neutralizou o avanço das tropas do I Exército, porque os cariocas sentiram a ação inglória que cometeriam caso atacassem os nossos futuros oficiais.

A propósito, o General Médici mandou o então Coronel Obino Lacerda Álvares e uma comitiva de oficiais levar a proclamação dos cadetes à tropa do I Exército, concitando-os à união. Nesse particular, estando no meu PC Avançado, recebi ordem para ir à Academia presenciar o encontro do General Armando de Moraes Âncora, Comandante do I Exército, com o General Amaury Kruel, do II Exército, quando ficou assentado o *modus operandi* para aquela situação.

Quero salientar que, depois desses acontecimentos, quando a Academia se recolheu, as atividades diárias voltaram à normalidade de forma ordenada, como antes. Isso prova o grau de união e confiança extrema que havia entre os integrantes da Administração e do Corpo de Cadetes, partes de um todo que atuaram com muito êxito, como reconheceu o nosso Comandante, Gen Médici, admirável na condução do todo - a nossa AMAN - nos diferentes momentos da Revolução.

*A Revolução de 31 de março de 1964 foi um movimento exclusivamente de preparação interna ou houve algum auxílio externo?*

Não houve apoio externo algum, embora muita gente pense que tenha existido. Foi um movimento interno, inteiramente nosso, porque sentimos a necessidade de dar um paradeiro àquele estado de anarquia.

*A que o senhor atribui o rápido desmoronamento do chamado “esquema militar” do Governo Federal, quando se desencadeou a Revolução?*

A falta de liderança efetiva. Viviam em um clima de “oba, oba”... Está tudo dando certo, logo... Vamos continuar. Seguiam de qualquer jeito, não procuravam “sentir a tropa”, ir atrás da raiz da coisa, quando, então, poderiam verificar que alguns estavam apoiando, mas a maioria era completamente contrária ao governo.

Acrescentaria, em apoio a sua ideia, que os quartéis das cidades do interior, ao contrário daqueles das capitais, facilitam as ligações entre os militares, inclusive das famílias, criando um ambiente de maior harmonia entre os oficiais e os sargentos. No caso do 2º RO 105, por exemplo, todos vieram com o Comandante, Coronel Benedicto Maia Pinto de Almeida, sem qualquer problema. Então, iludiram-se aqueles que acreditavam no tal “esquema militar”.

*General, qual a sua apreciação, quanto ao aspecto “chefia e liderança”, por parte dos oficiais das Forças Armadas, em especial das tropas do Exército, que estiveram na iminência de um combate?*

Penso que, no Exército, esse atributo foi exercido corretamente, tanto que não houve defecções. Já citei o caso da Academia, onde uma maioria esmagadora foi favorável ao movimento em favor da descomunização do País.

*O emprego operacional dos cadetes da AMAN, a favor da Revolução de 1964, foi correto, em seu entendimento?*

A meu ver, foi extremamente correto. A Academia, como formadora dos futuros chefes do Exército, não poderia alijar-se do processo de reação contra a implantação do comunismo no País, o que, certamente, vinha ocorrendo.

*O Movimento de 31 de março baseou-se em alguma ideologia?*

Ideologia propriamente dita, não. O que uniu nós todos foi o amor ao Brasil, a vontade de continuarmos livres da comunização que estava se avizinando.

*É correto o termo Revolução? Como o senhor denominaria o Movimento de 31 de março de 1964?*

Eu prefiro denominar de Movimento Contra-Revolucionário, pois a revolução era dos comunistas, contra os quais nós nos opusemos.

*A mídia desta última década e aqueles que hoje detêm o poder fazem absoluta questão de omitir os acertos da Revolução de 1964. O senhor quer citar alguns desses acertos?*

Sim. Progredimos bastante no campo econômico; no político, houve a “limpeza geral” no Congresso; na Administração, implantou-se a austeridade; e, finalmente, foram construídas obras importantes, como a Ponte Rio-Niterói, a rodovia Transamazônica a que os outros governos não deram seguimento, senão estaria pronta.

*Hoje em dia, muito se fala em “ditadura militar”, “anos de chumbo”. O que o senhor pensa a esse respeito?*

Acho o seguinte: a mídia está infiltrada. Jornalistas, que à época eram garotos, falam como se tivessem vivido aqueles tempos. Não sabem ou não sentiram o que havia no País, naqueles anos; opinam sem conhecimento de causa, sem aprofundarem seus estudos. Não estão se transportando para aquele momento.

Nós já tivemos uma ditadura – do Getúlio Vargas – que durou muito mais e, no entanto, ninguém falava nada. Pelo contrário, continua a ser, até, homenageado.

*Ao tempo dos governos revolucionários, acha o senhor que as Forças Armadas se aproveitaram da situação para auferirem qualquer tipo de vantagem?*

Não, absolutamente! Não houve, nem ninguém saiu atrás de vantagens, após a vitória do Movimento Contra-Revolucionário que salvou o País do comunismo.

*De sua experiência pessoal, que avaliação o senhor faz dos vinte anos de governo da Revolução?*

Eu penso que tudo melhorou. Foi uma pena que governos posteriores não prosseguissem no mesmo caminho indicado pela Revolução. Ocorreram desvios, para um lado ou para outro, não se guiaram... Mas acho que no cômputo geral, o País melhorou muito no período revolucionário.

*Existe o chamado “revanchismo”, por parte de autoridades, da imprensa e outros setores, em relação aos militares? O que o senhor pensa sobre a Lei da Anistia?*

Penso que sim, que existe o “revanchismo”. As Forças Armadas sofrem pela falta de verbas, sem reajustes e, à toda hora, estão sendo insultadas. A tal Lei da Anistia valeu só para um lado, o dos terroristas. Vejam a vergonha que fizeram ao premiar a família de um traidor, desertor, ladrão e assassino, e, ainda, gabar-lhes os méritos. Refiro-me ao Lamarca.

*A chamada “batalha da comunicação social” foi perdida pelos militares? Caso positivo, qual a razão?*

Foi perdida devido à pouca agressividade das nossas respostas. Dever-se-ia aplicar o mote: “bateu levou, bateu levou”.

*A imagem do Exército Brasileiro vem apresentando elevados índices de aceitação junto à sociedade, como atestam numerosas pesquisas de opinião. Qual a sua análise sobre esse fato?*

Acho-as pertinentes e é ótimo que sejam conhecidas. O Exército, continuando sua tradição de fazer o máximo possível, com os meios de que dispõe, em benefício da população das remotas guarnições, onde sempre está presente, tem dado mostras de que é um Exército para o Brasil.

*Que mensagem final, General Potyguara, o senhor gostaria de deixar aqui, no Projeto de História Oral do Exército na Revolução de 31 de março de 1964?*

O Movimento Contra-Revolucionário foi uma prova inequívoca de que as Forças Armadas estarão prontas para intervir quando a Pátria necessitar.

Lamento pela omissão de detalhes, mas infelizmente não guardei arquivos com recortes de jornais da época e outros documentos para poder apresentar dados mais contundentes. Baseei-me no relatório que fiz logo depois da Revolução.

Fonte: Volume 1 da História Oral do EB – 31 de março.

~~~~~

## Um Combate desastroso na História

|                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  <p><b>Carlos Fontes</b><br/>Historiador Militar e Artista Plástico</p> | <p>• Delegado da Academia de História Militar Terrestre do Brasil<br/>(Delegacia “Gen. Setembrino de Carvalho”)</p> <div data-bbox="943 1597 1046 1731"></div> <ul style="list-style-type: none"><li>• Membro do Instituto de História Militar Argentina</li><li>• Membro do Centro de Estudos e Pesquisa de História Militar do Exército</li><li>• Membro da Diretoria do Patrimônio Histórico do Exército</li></ul> <p>☎ 55 98125-2215<br/>📍 Rua Gen. Vitorino, 3571 - CEP: 97503-186 - Uruguaiana-RS - Brasil<br/>✉ carlosfontes.2@gmail.com 🌐 www.artmajeur.com/carlosfontes</p> |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

**D**izem que o Combate de Guassu Boi, acontecido entre Alegrete e nossa cidade, no amanhecer do dia 8/9 de novembro de 1924, foi terrível, desastroso e até com grande desvantagem aos revolucionários de Honório Lemes, principalmente pelo grave erro tático daquele Comandante.



Durante o percurso de marcha da tropa, ao Comando de HONÓRIO LEMES (ao lado), por determinação do mesmo, deixou-se de fazer nova ofensiva a Alegrete, porém, ao “bivacarem” nas imediações de GUASSU-BOI (ou Timbaúva), e pela falta de conhecimento tático-militar do velho “LEÃO DO CAVERÁ” e devido a uma ordem mal recebida, ele não se preocupou com a segurança e acampou sua tropa a poucos quilômetros do inimigo, resultando dessa imprudência, a fatalidade de um combate direto ao amanhecer do dia 8. JUAREZ TÁVORA nos confirma:

*“... a confusão foi total, privando os chefes de capacidade para formar e comandar sua tropa. Do 5º RCI (neste tempo aquartelado em nossa cidade, Uruguaiana), apenas uns 50 homens e outros tantos civis, agrupados em torno dos Coronéis VIRGILIO GONÇALVES VIANNA e ALFREDO LEMES, obedeceram as ordens de seus chefes. Debalde o Gen Honório, transformado em simples combatente, investia de lança em punho contra os adversários mais próximos, animando os poucos núcleos de resistência. Só escapou com vida devido à cobertura que lhe ia dando, hábil e denodadamente, o Pelotão do Tenente HAMILTON REY, do 5º RCI, com seus dois fuzis-metralhadoras. Acompanhando-o, por dever de honra, naquelas loucas investidas, fiz-lhe ver que a persistência nelas seria um sacrifício inútil, aconselhando-o a tentar, imediatamente uma retirada, com os poucos elementos que ainda tínhamos sob comando, enquanto o inimigo – também surpreendido com aquele encontro e diluído no entrevero da refrega – mal se podia dar conta de nossa fraqueza. Fui atendido nesse conselho, dividindo-se então, a pequena tropa que tínhamos reunido em torno de nós em dois grupamentos: um constituído de elementos do 5º RCI, sob o Comando dos Capitães EDGAR SOARES DUTRA e PEDRO PALMA, e ao qual me incorporei, rumaria na direção geral de oeste; o outro com elementos civis dos Coronéis VIRGILIO GONÇAVES VIANNA e ALFREDO LEMES (irmão de Honório Lemes), acompanhados pelo General Honório, se deslocaria na direção de sudoeste. Deveríamos se encontrar no Passo dos Moura, sobre o Itapitocaí. Desconhecendo, porém, o terreno e sem “vaqueano” da região, fui sair três léguas abaixo do passo designado. Subindo, então, pela margem esquerda do Itapitocaí recebi pouco depois, ligação do Gen Honório, mandando-me seguir diretamente para Quaraí, onde devíamos reencontrar-nos novamente. Atingindo, entretanto, no dia 9 à tarde, a cidade de Quaraí, aí soube que o Gen Honório já seguira para o Catí, onde pude encontrá-lo no dia 10, nas proximidades do velho quartel que evoca ainda, naquelas brenhas, antigas façanhas do Coronel João Francisco (...).”*

Nesse fatídico combate efetuado na região de Guassu-Boi, foi confirmada a prisão dos revoltosos do 5º RCI (Uruguaiana), HOMERO BIJOLDO, JOSÉ GUIMARÃES FERREIRA, JÚLIO DA SILVA, INÁCIO DE OLIVEIRA, JOÃO FERMINO DA SILVA, JOAQUIM ATHAYDE CORREA e Cabo SADY CARNOT BEHEREGARAY. RESERVISTAS: ADERBAL PINTO DE AZEVEDO, BERNARDINO ALVES CABRERA, ANTONIO MEDEIROS MARTINS, BRASILIANO RAMIRES, RAMÃO SCHANDER, MANOEL ROBALO, CECÍLIO PEREIRA GOULART. Civis: PEDRO FRANCISCO TAVARES, LIBANO FAGUNDES, LUIZ SARAIVA, ROGÉRIO MENDES e MARCELLINO PEREIRA, sendo todos encostados à subunidade extra numerária.

Esse combate se encontra transcrito no relatório do Comandante da 3ª Região Militar, Gen Div EURICO DE ANDRADE NEVES (1859-1936).

*“Honório Lemes, que havia entrado no Estado no dia 30 de outubro pelo Passo dos Ramos, à frente de uma coluna de 800 rebeldes, da qual fazia parte o 5º RCI, deixou Uruguaiana no dia seis de novembro marchando em direção a Alegrete pelo Passo do Vahy, (Rio Ibirocahy). O Destacamento General Borba, constituído dos Destacamentos Coronel Estevam, Resende e Coronel Claudino, já se achava concentrado em Alegrete. O General Borba, para o cumprimento da missão, decidiu marchar no dia 7, em duas*

*colunas: Destacamento Coronel Estevam, pelo itinerário: Alegrete-Passo dos Guedes (Rio Inhanduhy)-Passo do Vahy (Rio Ibirocahy); Destacamento Coronel Claudino: Alegrete-Estação Bento Ribeiro-Estação Guassu-Boi. Em fim de jornada o Destacamento Coronel Estevam estacionou na Região do Passo Guedes e o Destacamento Coronel Claudino na região da ponte da estrada de ferro sobre o rio Inhanduhy. Na manhã do dia 8 o Coronel Claudino, informado de que elementos rebeldes assinalados na Estação de Guassu-Boi haviam se retirado em direção ao Passo do Vahy, resolveu mudar de direção, rumando para o Sul, pela margem esquerda do rio Inhanduhy, sem dar conhecimento ao General Borba da decisão que tomara. Em fim de jornada estacionou na Sanga “Capella Queimada” (marco inicial da povoação de Alegrete – grifo do autor). O Destacamento Coronel Estevam permaneceu nesse dia na região do Passo do Guedes. Honório Lemes que havia atingido o Passo do Vahy nesse dia, informado por sua descoberta, que a região entre os rios Ibirocahy e Inhanduhy ao Sul da estrada de ferro achava-se livre, marchou na noite de 8/9 em direção ao Passo do Guedes, estacionando às 2 horas de 9, nas proximidades do destacamento Coronel Claudino. O deficiente serviço de segurança em estacionamento quer do Destacamento Claudino quer dos rebeldes permitiu que as duas colunas repousassem a pequena distância. Ao clarear do dia 9, um esquadrão do 1º RC da Bda Militar, lançado na direção em que havia sido assinalada uma patrulha rebelde, logo após o início da marcha, descobriu a coluna rebelde em preparativos para o levantamento do acampamento. O Coronel Claudino deu logo ordem para que o 1º RC ocupasse a sede da Fazenda Guassu-Boi, (Fundada em 1884, pelo Sr. Luiz de Souza Nunes – grifo do autor), situada numa coxilha dominante da região e que separava os dois acampamentos. Ocupada a sede da fazenda o Regimento abriu fogo com as metralhadoras pesadas sobre o grupamento rebelde que a poucas centenas de metros, despreocupados, encilhavam os cavalos. Formidável confusão estabeleceu-se entre os rebeldes. Alguns elementos rebeldes, que não haviam sido totalmente submersos pela surpresa, conseguiram estabelecer uma linha de atiradores, cerrando o tiroteio de parte a parte. A vanguarda do Destacamento Claudino (Patriotas Dr. Flores da Cunha), que havia estacionado cerca de 2 km ao Sul do estacionamento do Grosso nas proximidades da estrada Passo do Vahy-Fazenda S. Amália, alertada marchou rumo aos tiros saindo inesperadamente no flanco direito dos rebeldes, sobre o qual levou uma carga. A carga dos patriotas do Dr. Flores da Cunha determinou a suspensão dos fogos do 1º RC. A inesperada ação do contingente Dr. Flores da Cunha, completou a confusão dos rebeldes, que debandaram em várias direções, abandonando no campo da luta todos os trens, 30 mortos, muitos feridos e cavalaria. Deixaram em mãos dos legais 30 prisioneiros. Honório Lemes escapou servindo-se de um automóvel. O 12º RCI que se achava no Passo do Guedes, enviado em apoio do destacamento Claudino atingiu a região de Guassu-Boi logo após a terminação do combate. Um esquadrão foi lançado em perseguição e não tendo retornado o contato regressou reunindo-se a sua Unidade. As forças legais tiveram 4 mortos e 11 feridos”.*

Merece especial citação no Combate de Guassu-boi, o Deputado DR. ANTONIO MENDES CARNEIRO MONTEIRO, que tombou morto naquele dia. Neto do bravo Gen. VITORINO CARNEIRO MONTEIRO, embora filho de Alegrete foi Intendente de Uruguaiana. (27/10/1912 a 27/10/1916). É ainda o nosso historiador Alberto Moura, quem enfatiza que, quando a 6 de novembro de 1924, Antonio Monteiro foi mortalmente ferido no combate de Guassu Boi e seu ordenança, apelidado de “Biriva”, “como se perdesse a razão, apeou do cavalo e com o cabresto na mão, na outra brandia a espada com violência atacando e se defendendo. Dobrou o joelho sobre o cadáver de Monteiro como que pretendendo protegê-lo e nessa posição lutou ferozmente em meio ao entrevero, até que tombou mutilado”.

Com a derrota das forças revolucionárias, os governistas tiram vantagem e partem para uma ofensiva, procurando atacar o inimigo desprevenido com tática de surpresa.

Juarez Távora decide, baldeando pela Argentina, reagrupar-se às forças de São Paulo, deixando assim, Honório Lemes sem o apoio dos tenentes para rebelarem as guarnições. Apenas a cidade de São Luiz Gonzaga permanecia sob o controle de LUIS CARLOS PRESTES.

Já Uruguaiana, que é nosso objetivo nessa revolução, preparava-se para retomar suas atividades normais, sem os revolucionários. O 5º RCI, em 21 de janeiro de 1925, era reorganizado pelo Major FRANCISCO DE CASTRO PINHEIRO, com as praças que não aderiram à Revolução.

Em 13 de março de 1925, conforme o histórico do atual do 5º RCMec, assumiu o Comando do Regimento, o Ten. Cel. ADOLPHO RODRIGUES DE MESQUITA, em substituição ao Major PINHEIRO BITTENCOURT e, de acordo com o publicado em seus Boletins, após a pacificação, em 16 de junho de 1925, fez público, uma transcrição do Boletim nº. 146, da então 2ª Divisão de Cavalaria, em que, através de um elogio publicado, ficamos inteirados dos fatos acontecidos e da reorganização daquele Regimento:

*“Boletim nº. 93, de 15 de junho de 1925 – Elogios: - Aditamento ao Bol Suplementar nº. 146, da 2ª DC – (...) Cumprindo, com muita satisfação, a determinação S. Excia, o Sr. General Commandante da 3ª Região Militar, de salientar os serviços dos camaradas, meus commandados, na rebelião prestes a findar, faço inteira justiça, distinguindo em primeiro lugar os esforços, os relevantes serviços do Estado Maior, devem ser ajuizados nas três phazes por que tem passado o meu comando: Nos terríveis dias de 1924, nos quaes, com a lealdade sempre por mim esperada e a dedicação nunca por mim duvidada, cumprindo ordens minhas, foram os meus dedicados auxiliares incansáveis no preparo da defesa aos ataques rebeldes a Alegrete, com recursos mínimos e n’uma athmosphera de desconfiança desalentadora, por parte de quem talvez não a devia ter. Incansáveis foram os meus dignos auxiliares na organização do destacamento por mim commandado, de ataque aos rebeldes de Uruguayana e composto de duas brigadas – Brigada Resende e Brigada Claudino – a 2ª tudo possuindo e a 1ª tudo faltando. Diligentes foram os meus auxiliares na organização e marcha da coluna, ainda sob pressão de desconfiança, até por parte das tropas do Exército, sendo minhas ordens recebidas com receio, e discutidas com paixão. Combate de Guassu-Boi, no cerco da Timbauva, foram meus auxiliares incansáveis para melhor e mais completo resultado tivéssemos; mas a má vontade de alguns e a falta de sinceridade de outros, fizeram com que a Brigada do Exército não tomasse parte nesse combate; outras seriam as consequências se as minhas ordens tivessem sido por todos acatadas ou cumpridas, dentro do seu espírito e da sua lettra; não teríamos somente a “desarticulação da revolução”, phrase attribuida ao Sr. Dr. Presidente da República: no município de Alegrete o meu destacamento teria aniquilado de uma vez os rebeldes de (...). Infelizmente até tiroteadas foram, no campo de Guassu-Boi, as minhas patrulhas de reconhecimento! Esta a minha convicção, que, sem falsa modéstia, declaro. Inesquecíveis ainda os serviços dos meus bons e dignos auxiliares, os integrantes trabalhos na organização da Zona Oeste de meu commando e que enquadra o serviço de vigilância das fronteiras Argentinas e Uruguayas. Notícias de rebeldia de tropas de tropas de meu commando, fizeram-me ir, rápida e inesperadamente, duas vezes a S. Borja e duas a Itaqui, tendo sempre os meus auxiliares prestados bons e leaes serviços; foram ainda a Passo do Leão, à Barra do Quaray e Passo de Sant’Ana Velha, em serviços urgentes, motivados pela falta de informação. (...) Ao Major Francisco de Castro Pinheiro Bittencourt, que iniciou a reorganização do 5º Regimento de Cavalaria Independente, pelo tino administrativo, extrema lealdade e dedicação no cumprimento dos seus deveres; tendo vindo de São Paulo, onde, por ocasião das operações contra rebeldes naquelle estado, se conduziu com muito valor, à frente de sua unidade, conquistando, assim, os galões de major, por merecimento. (...) Capitão Médico Dr. Francisco Leite Veloso, (foto abaixo) médico do 5º Regimento de Cavallaria Independente e chefe da Enfermaria do Hospital de Uruguaiana, pelo sentimento de responsabilidade e lealdade que se demonstrou, retirando-se para Libres quando revoltado seu Regimento, apresentando-se immediatamente a Itaqui, então cercado pelos rebeldes e onde prestou bons serviços, como attestou o commandante da Praça, Coronel Joaquim do Amaral e pela boa vontade e dedicação com que cumpriu as minhas ordens, indo solicitamente a Alegrete e São Borja a serviços profissionais que o chamavam àquellas cidades. (...) Aos camaradas do 5º Regimento de Cavallaria Independente, depois de reorganizado com os elementos ex rebeldes, pelo devotamento com que se tem patrulhado e feito o serviço de vigilância*

*desta cidade, compenetrados de seus deveres e responsabilidades e, actualmente, com um esquadrão que, de caso pensado e muito de propósito destaquei para o Sub sector Barra do Quarahy – Arroio Garupa, no serviço de vigilância , num momento em que se tinham informações de prováveis incursões de rebeldes pela Barra do Quarahy e Passo dos Ramos – os meus agradecimentos e louvores, por terem demonstrado, assim, à Nação e aos seus fieis colegas, que a culpa dos desmandos anteriores deve recahir sobre seus chefes, tenentes desorientados e políticos, que os levaram contra a Pátria e contra o seu General.”*



Dr. Antonio Mendes Carneiro Monteiro



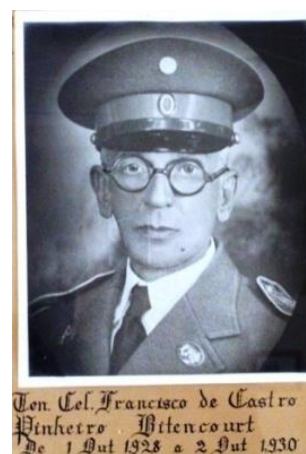
Cel Virgilio Gonçalves Viana -



Alfredo Lemes



Adolpho Rodrigues de Mesquita.



Juarez Távora



Capitão Médico Dr. Francisco Leite Veloso

~~~~~

"De todas as misérias dos homens, a mais amarga é esta: saber tanto e não ter controle sobre nada" HERÓDOTO

**Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Coronel de Infantaria e Estado-Maior Veterano, Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com);**  
**Sites: [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) e [www.acadhistoria.com.br](http://www.acadhistoria.com.br); Site do NEE/CMS: [www.nee.cms.eb.mil.br](http://www.nee.cms.eb.mil.br);**  
**Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE - Delegacia Heróis de Guararapes: <http://historiapatriota.blogspot.com>**